

TU, VOCÊ OU O SENHOR? O SISTEMA DE TRATAMENTO DE SEGUNDA PESSOA EM FLORIANÓPOLIS

Patrícia Graciela da Rocha
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

1. INTRODUÇÃO

A forma de tratamento a ser utilizada com o meu interlocutor sempre foi um dilema para mim, mesmo muito antes de pensar em me tornar uma linguista. Isso porque eu cresci ouvindo o meu avô, que na verdade era chamado de *nono*, exigindo que o tratássemos de *senhor* e que *tu* “se dizia pra cachorro”. Isso para mim, enquanto criança, soava um tanto estranho, pois não entendia o porquê não podia tratá-lo por *tu*, sendo que eu ouvia, o tempo todo, o *tu* em todo o lugar. Obviamente fui obedecendo o comando, mesmo porque corria o risco de levar um tapa na boca se pronunciasse o *pronome proibido* fora de hora, mas demorei bastante tempo para entender as relações de hierarquia, respeito, identidade, poder, solidariedade, simetria, assimetria etc. envolvidas nessa escolha que está longe de ser apenas linguística.

Nesse tempo eu vivia em uma cidade do interior, muito pequena, no noroeste do Rio Grande do Sul, fronteira com a Argentina e com Santa Catarina, chamada Tenente Portela. Culturalmente formada por descendentes de italianos, alemães, portugueses e indígenas, é um lugar onde se podem ouvir vários sotaques misturados

com um uso predominante de *tu* e também alguns usos de *você*, ambos ainda não estudados por pesquisas linguísticas.

Mais tarde, ao mudar para Florianópolis para estudar, me deparei com outros usos do *tu*, *você* e *o senhor* que me fizeram rever os meus conceitos a respeito dessas formas e, então, outros dilemas emergiram. E como um problema de pesquisa sempre é, de uma forma ou de outra, um problema do pesquisador, dediquei quatro anos e meio da minha vida acadêmica, sob orientação da Professora Izete Lehmkuhl Coelho, a estudar a variação pronominal de segunda pessoa do singular na função de sujeito e sua correlação com as formas pronominais que aparecem na função de complementos verbais e adjuntos (oblíquos e possessivos) a partir de dados sincrônicos do português brasileiro, especialmente da variedade usada na cidade de Florianópolis – Santa Catarina, a fim de compreender a natureza e a extensão do encaixamento desses pronomes no sistema linguístico dessa comunidade.

Essa pesquisa responderia, à primeira vista, todas as minhas principais questões acerca do tema e se encerrariam as discussões se eu não tivesse mudado, no meio do doutorado, para Campo Grande – MS, lugar onde o uso de *você* é predominante e o *tu* é, sobretudo, uma marca inegável de identidade sulista. Nesse momento, outras questões vieram à tona e o uso do *você* passa a ser uma estratégia de aproximação, de inserção social, para me sentir parte do lugar, da comunidade e, portanto, ser aceita pelo grupo.

Como podemos ver, esses pronomes me perseguem e eu os persigo, tentando entendê-los e descrevê-los sociolinguisticamente em busca de compreender, de lambuja, a mim mesma enquanto sujeito social que sou.

Neste capítulo, apresento um pouco de como foi essa empreitada de mais de quatro anos e os principais resultados encontrados com a pesquisa.

2. COMO SE DEU A PESQUISA

A abordagem teórica e metodológica deste estudo leva em conta os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1994), da Dialetoлогия Pluridimensional (RADTKE, THUN, 1996; THUN, 1998; BELLMANN, 1999) e de autores que se debruçam sobre o estudo dos pronomes (BROWN, GILMAN, 1960; 2003).

A amostra utilizada para esta pesquisa compreende a união de partes de três *corpora* sincrônicos: (i) Monguilhott (2006), do qual utilizei 16 entrevistas realizadas em Florianópolis; (ii) Varsul (Florianópolis), do qual utilizei quatro entrevistas; e (iii) Floripa (2009), do qual utilizei quatro entrevistas de Rationes e

quatro entrevistas de Santo Antônio de Lisboa. Além disso, contei também com uma amostra composta por testes de percepção e produção que será descrita posteriormente. As localidades de Florianópolis selecionadas para o *corpus* foram: Ribeirão da Ilha, Costa da Lagoa, Santo Antônio de Lisboa e Rationes na zona menos urbana e Centro e Ingleses na zona mais urbana.

Os informantes que constituem a amostra foram estratificados de acordo com idade e escolaridade. Para cada ponto selecionado, temos quatro informantes, conforme podemos visualizar no Quadro 8.1, a seguir:

Quadro 8.1 – Estratificação dos informantes

<i>Corpus</i> Monguilhott (2006)					
Zona	Localidade	Informante 1	Informante 2	Informante 3	Informante 4
Zona menos urbana	Ribeirão da Ilha	15 a 36 anos. Ensino Fund.	22 a 33 anos. Ensino Sup.	48 a 74 anos. Ensino Fund.	45 a 75 anos. Ensino Sup.
Zona menos urbana	Costa da Lagoa	15 a 36 anos. Ensino Fund.	22 a 33 anos. Ensino Sup.	48 a 74 anos. Ensino Fund.	45 a 75 anos. Ensino Sup.
Zona mais urbana	Ingleses	15 a 36 anos. Ensino Fund.	22 a 33 anos. Ensino Sup.	48 a 74 anos. Ensino Fund.	45 a 75 anos. Ensino Sup.
Zona mais urbana	Centro	15 a 36 anos. Ensino Fund.	22 a 33 anos. Ensino Sup.	48 a 74 anos. Ensino Fund.	45 a 75 anos. Ensino Sup.
<i>Corpus</i> Varsul (Florianópolis)					
Zona mais urbana	Centro	15 a 36 anos. Ensino Fund.	22 a 33 anos. Ensino Médio + espec. ⁸⁶	48 a 74 anos. Ensino Fund.	45 a 75 anos. Ensino Médio + espec.
<i>Corpus</i> Floripa (2009)					
Zona menos urbana	Rationes	15 a 36 anos. Ensino Fund.	22 a 33 anos. Ensino Sup.	48 a 74 anos. Ensino Fund.	45 a 75 anos. Ensino Sup.
Zona menos urbana	Sto Ant. de Lisboa	15 a 36 anos. Ensino Fund.	22 a 33 anos. Ensino Sup.	48 a 74 anos. Ensino Fund.	39 a 75 anos. Ensino Sup.
Total	6	7	7	7	7

Fonte: Rocha, 2012, p. 158.

Para verificar a influência dos fatores linguísticos e extralinguísticos no fenômeno em estudo, os dados coletados foram codificados e analisados estatisticamente pelo programa Goldvarb (2001).

Constituí como variável dependente deste estudo a forma de representação da pessoa pronominal *tu*, *você* ou *o senhor*, buscando verificar os contextos favorecedores para cada uma das variantes. Para esta investigação, selecionei os seguintes grupos de fatores linguísticos, sociais, sociodiscursivos e geográficos: a) Preenchimento do sujeito; b) Concordância com o verbo; c) Paralelismo sujeito e

⁸⁶ Como indivíduo mais escolarizado, do Varsul, consideramos aqueles que tinham o Ensino Médio e mais algum tipo de continuação de estudos, como, por exemplo, curso técnico ou magistério.

possessivo; d) Paralelismo sujeito e clítico; e) Paralelismo sujeito e oblíquo tônico; f) Tipo de interlocução; g) Tipo de relação entre os interlocutores; h) Sexo; i) Escolaridade; j) Faixa etária; l) Indivíduo; m) Diatopia; e n) Diazonalidade.

Para aumentar as possibilidades de compreensão do objeto de estudo e confrontar com os resultados obtidos a partir das entrevistas analisadas, utilizei também um teste que se divide em duas partes, as quais chamei, nos termos de Tarallo (1990), de *teste de percepção* e de *teste de produção*.

Na primeira parte do teste – *teste de percepção* –, fiz dois tipos de questionamentos ao falante. Inicialmente perguntei sobre o seu uso real dos pronomes, ou seja, sobre qual dos pronomes ele usava com diferentes interlocutores e, posteriormente, o questionei sobre a sua opinião diante das formas pronominais de segunda pessoa do discurso, qual ele considerava *mais bonita* ou *boa* e qual ele considerava *mais feia* ou *ruim*.

Na segunda parte do teste – *teste de produção* –, solicitei que o informante produzisse a variável optando por uma ou outra variante linguística, preenchendo as lacunas ou as deixando em branco caso achasse necessário.

A estratificação dos informantes seguiu os moldes da amostra das entrevistas, como podemos visualizar no Quadro 8.2, que apresenta a quantidade de testes aplicados e o perfil dos informantes.

Quadro 8.2 – Estratificação dos informantes dos testes de percepção e produção

Sexo	Informante 1 a 10	Informante 11 a 20	Informante 21 a 30	Informante 31 a 40
Feminino	12 a 33 anos. Ensino Fund.	17 a 33 anos. Ensino Superior	42 a 74 anos. Ensino Fund.	42 a 75 anos. Ensino Superior
Masculino	12 a 33 anos. Ensino Fund.	17 a 33 anos. Ensino Superior	42 a 74 anos. Ensino Fund.	42 a 75 anos. Ensino Superior
TOTAL	10	10	10	10

Fonte: Rocha, 2012, p. 215.

Para investigação a partir dos testes, controlei os seguintes grupos de fatores linguísticos, sociais, sociodiscursivos e geográficos: a) Preenchimento do sujeito; b) Paralelismo sujeito e possessivo; c) Paralelismo sujeito e clítico; d) Paralelismo sujeito e oblíquo tônico; e) Tipo de relação entre os interlocutores; f) Sexo; g) Escolaridade; e h) Faixa etária.

A partir do referencial teórico/metodológico mencionado, do *corpus* e das variáveis selecionados, dei andamento à pesquisa com o objetivo geral de investigar e mapear o fenômeno da variação pronominal de segunda pessoa do

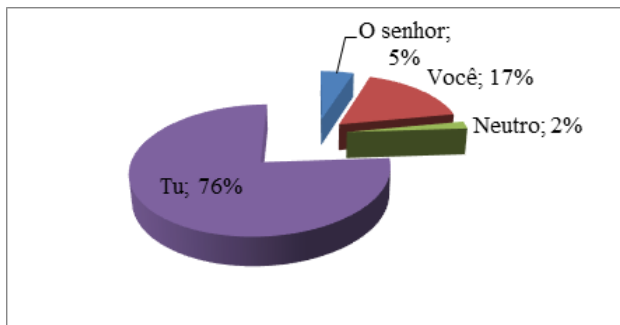
singular, *tu/você/o senhor*, na função de sujeito e sua correlação com as formas pronominais que aparecem na função de complementos verbais e de adjuntos (obliquos e possessivos) a partir de dados sincrônicos do português brasileiro, especialmente da variedade usada na cidade de Florianópolis/Santa Catarina, a fim de compreender a natureza e a extensão do encaixamento desses pronomes no sistema linguístico dessa comunidade.

Os objetivos específicos da pesquisa foram: (i) identificar quais os grupos de fatores linguísticos, sociais, sociodiscursivos e geográficos podem condicionar a variação no uso dos pronomes de segunda pessoa do discurso (*tu/você/o senhor*) no português falado em Florianópolis; (ii) verificar quais os possíveis encaixamentos da variação e mudança pronominal das formas *tu/você/o senhor* na estrutura interna da língua, isto é, quais as possíveis reações em cadeia: se a entrada dos pronomes provocou (ou está provocando) mudança no uso de outros pronomes (obliquos e possessivos), ou seja, se está sendo mantido o paralelismo de formas pronominais; e (iii) verificar, a partir dos testes de percepção e produção: a) qual é o pronome de segunda pessoa que os florianopolitanos afirmam usar em situações de simetria e assimetria (entre amigos, com os pais, com alguém superior); b) qual é a forma pronominal de segunda pessoa que os informantes avaliam como *boa, mais bonita, feia e ruim*; c) quais são as formas pronominais que os informantes produzem (ou dizem que produzem) em situações de simetria e assimetria (entre amigos, com alguém superior e com alguém inferior); e d) quais são as combinações feitas pelos informantes entre os pronomes na função de sujeito e os possessivos e obliquos nos três tipos de relação entre interlocutores.

3. OS RESULTADOS ENCONTRADOS

Nesta pesquisa, analisei todas as ocorrências de segunda pessoa do singular extraídas de cada uma das 28 entrevistas que constituem a amostra, formada por 7 informantes de cada célula social. A partir dessa amostra, obtive um total de 573 ocorrências de pronomes de segunda pessoa do singular *tu, você* e *o senhor*, sendo 440 dados de *tu*, correspondendo a 76% da amostra, 99 dados de *você*, correspondendo a 17% da amostra e 34 dados de *o senhor*, correspondendo a 5% dos dados da amostra, como pode ser visualizado no gráfico da Figura 8.1:

Figura 8.1 – Distribuição geral dos dados em Florianópolis.

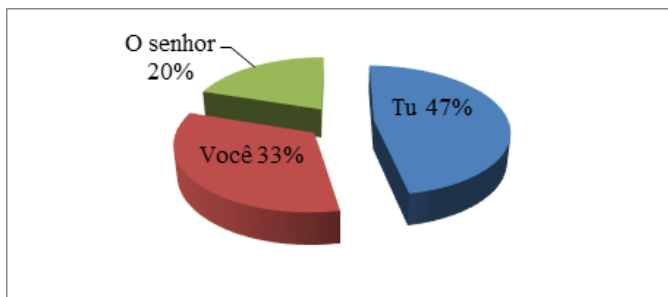


Fonte: Rocha, 2012, p. 220.

Como podemos verificar, dos 573 dados de pronomes de segunda pessoa encontrados em nossa pesquisa, a forma *tu* é, de maneira geral, a mais usada pelos ilhéus para se dirigir ao interlocutor com o maior número de ocorrências. A forma *você* é a segunda mais usada e, por fim, a forma *o senhor* é a menos utilizada pelos florianopolitanos. Agrupei e chamei de *neutro* outras estratégias de se dirigir ao interlocutor, como a nominalização, por exemplo.

Os resultados gerais obtidos a partir dos testes vão na mesma direção, embora com frequências um pouco diferentes. Dos 127 testes aplicados a informantes de Florianópolis, separamos⁸⁷ 40 (5 de cada célula social) para categorizarmos e submetermos às rodadas estatísticas do programa Goldavarb (2001). A partir disso, obtivemos 306 dados de *tu*, *você* e *o senhor* que podemos ver distribuídos no gráfico da Figura 8.2 a seguir:

Figura 8.2 – Distribuição geral das formas *tu*, *você* e *o senhor* nos testes de produção.



Fonte: Rocha, 2012, p. 285.

⁸⁷ Os critérios de separação foram: (i) o preenchimento do teste na sua totalidade e (ii) a legibilidade da escrita.

Como vemos nesses resultados, o pronome *tu* é, de forma geral, o mais usado pelos florianopolitanos para se dirigir ao interlocutor, com o maior número de ocorrências (47%). A forma *você* é a segunda mais usada (33%) e, por fim, a forma *o senhor* é a menos utilizada (20%).

3.1. Grupos de fatores relevantes

Considerando somente a alternância entre os pronomes *tu* e *você* e todas as 13 variáveis⁸⁸ (linguísticas, sociais, socioestilísticas e geográficas) controladas nesta pesquisa, o programa Goldvarb (2001) selecionou sete grupos de fatores relevantes para a aplicação da regra variável – uso do pronome *tu* – com a seguinte ordem de relevância: 1º) sexo; 2º) faixa etária; 3º) diazonalidade; 4º) tipo de relação entre os interlocutores; 5º) escolaridade; 6º) paralelismo sujeito e clítico; e 7º) paralelismo sujeito e possessivo.

Os grupos de fatores controlados a partir da amostra dos testes não foram exatamente os mesmos do *corpus* de entrevistas, ou seja, deixei de controlar aqui 5 grupos: i) a concordância com o verbo; ii) o tipo de interlocução; iii) a localidade, iv) o indivíduo; e v) a diazonalidade. Entretanto, o programa Goldvarb (2001) selecionou cinco grupos de fatores como relevantes para a aplicação do *tu* em Florianópolis na seguinte ordem de relevância: 1º) tipo de relação entre os interlocutores; 2º) paralelismo sujeito e clítico; 3º) sexo; 4º) faixa etária; e 5º) paralelismo sujeito e possessivo.

Para fins de explanação, tratarei de cada fator seguindo a sua ordem de relevância e fazendo uma comparação com os resultados obtidos a partir dos testes de produção mencionados anteriormente.

A variável *sexo* foi selecionada pelo programa estatístico como a mais relevante entre todas as variáveis controladas. Minha hipótese inicial em relação a ela era a de que as mulheres usariam mais *tu* que os homens, conforme já verificado por Ramos (1989) e Loregian-Penkal (2004) e que a forma *o senhor* estaria distribuída igualmente entre homens e mulheres. Na Tabela 8.1 a seguir, podemos visualizar a distribuição dos pronomes de segunda pessoa do singular segundo a variável social *sexo do informante*:

⁸⁸ Os grupos de fatores controlados foram: 1) preenchimento do sujeito; 2) concordância do verbo; 3) paralelismo sujeito e possessivo; 4) paralelismo sujeito e clítico; 5) paralelismo sujeito e oblíquo tônico; 6) tipo de interlocução; 7) tipo de relação entre os interlocutores; 8) sexo; 9) escolaridade; 10) faixa etária; 11) indivíduo; 12) diatopia; e 13) diazonalidade.

Tabela 8.1 – Uso de *tu* em relação ao *sexo do informante*

Sexo do informante	Apl./Total = %	Peso Relativo
Feminino	293/306 = 95%	0,72
Masculino	147/233 = 63%	0,21
TOTAL	440/539 = 81%	

Fonte: Rocha, 2012, p.233.

Como vemos, o sexo feminino favorece o uso de *tu* com 0,72 de peso relativo e com o maior percentual de ocorrências (293), o que equivale a 66,59% dos dados de *tu*. Já o sexo masculino desfavorece o uso de *tu* com 0,21 de peso relativo e com um número menor de ocorrências (147), o que equivale a 33,4% dos dados de *tu*.

A partir dos testes, essa variável foi a terceira a ser selecionada pelo programa Goldvarb (2001). Na Tabela 8.2 a seguir, podemos visualizar a distribuição dos pronomes de segunda pessoa do singular segundo a variável *sexo*:

Tabela 8.2 – Uso de *tu* em relação ao *sexo do informante*

Sexo do informante	Apl./Total = %	Peso Relativo
Feminino	84/156 = 53%	0,61
Masculino	61/151 = 40%	0,38
TOTAL	145/307 = 47%	

Fonte: Rocha, 2012, p.295.

Assim como nos resultados da amostra de entrevistas, os resultados dos testes também mostram que o sexo feminino favorece o uso de *tu* com 0,61 de peso relativo e com o maior percentual de ocorrências (84), o que equivale a 57,93% dos dados de *tu*. Já o sexo masculino desfavorece o uso de *tu* com 0,38 de peso relativo e com um número menor de ocorrências (61), o que equivale a 42% dos dados de *tu*.

Diante desses resultados, é possível supor que, no caso da alternância *tu/você* em Florianópolis, não se trata de prestígio, mas de marcação de identidade regional (PAGOTTO, 2001⁸⁹, SCHERRE, YACOVENCO, 2011; NUNES de SOUZA, 2011), assim como acontece em grande parte da Região Sul (Rio Grande do Sul e Santa Catarina), em parte da Região Nordeste (em algumas comunidades da Bahia e do Maranhão) e em parte da região Norte (Tefê-AM). Nesse sentido, concordo com Scherre e Yacovenco (2011) quando afirmam que, em Florianópolis, o pronome *tu* é um índice de identidade geográfica, diferentemente do que ocorre em parte

⁸⁹ Embora o autor tenha tratado de outro fenômeno, a palatalização do “T” e do “D”, uma das marcas linguísticas do manezinho.

da Região Sudeste (Rio de Janeiro) e em parte da Região Centro-Oeste (grande Brasília ou Distrito Federal), em que o *tu* é uma forte marca interacional.

Além disso, acredito que o uso de *tu* é também uma forma de demonstração de orgulho por ser ilhéu, como podemos verificar no depoimento de um dos informantes desta pesquisa:

(1) Eu percebia isso, que as pessoas, assim que começavam a estudar um pouquinho, *já queriam deixar de falar sem sotaque, não usar esse chiado que nós temos, eu tenho amigos da minha idade que são assim, eles têm um jeito de falar entre nós e um jeito de falar quando estão num ambiente com pessoas diferentes... procura não, a gente diz assim aqui que é falar no S. [...] Porque considera vergonhoso o sotaque, diz que é coisa de manezinho, de gente pouco culta [...] sempre teve isso aqui...*

(parafraseando) A gente viajava, eu lembro que uma vez a gente foi pra Porto Seguro e eles mudavam o sotaque, e a gente conhecia as garotas e sabia de onde elas eram pelo sotaque: “Ah tu é goiana, mineira, paulista”, e eu dizia pra eles: “E elas vão achar que vocês são de onde, com esse sotaque que não é de vocês, que vocês só falam na frente delas?”

E um amigo meu me dizia: “ah, eu não eu tenho vergonha, é muito feio”. Coisa interessante isso, essa coisa, essa percepção de que é feio o sotaque. Isso é pra perceber que essa coisa de ser manezinho, esse orgulho de ser manezinho que é só construído nos anos [19]90, não está bem digerida pela população mesmo. Eu acho legal hoje as pessoas acharem que é legal ser manezinho e tal, mas isso não está bem definido.

A identidade, a gente só precisa quando a gente tá diante do diferente, eu não preciso marcar a identidade diante do igual.

É uma identidade que é retomada. Não é inventada baseada nos documentos.

E como essa invenção é recente, as pessoas ainda não tem essa, até é acha legal ser manezinho e tal. Mas ainda tem o estigma de ser manezinho né? Quando a gente quer dizer que o outro é matuto, “o seu manezinho” Entre nós, né? *Tem essas coisas, entre nós e com os outros, né? Então, entre nós o “manezinho” ainda é uma coisa ofensiva. E essa questão de sotaque, eu percebo nitidamente na minha geração, quando alguém te fala, muda o sotaque, usa você... que eu não falo você, só uso tu. [...] Então, tem todas essas coisas assim, é o falar entre, internamente, e o falar com os outros e a questão do sotaque muda muito nessa hora. O Guga é típico porque o Guga fala como a gente, ele não faz “tipo”. (STOANT. Homem + velho)*

A partir dessa fala, podemos inferir que esse orgulho de ser nativo da ilha, de ser *manezinho*, não é característico de todos os moradores de Florianópolis, mas de parte deles, pois o informante menciona que tinha alguns amigos que viajavam para outras cidades e queriam esconder o sotaque porque o achavam feio, ou seja, queriam esconder a sua identidade regional. Além disso, o informante ressalta que esse orgulho de ser *manezinho* é recente, pois é algo que começou a ser construído a partir da década de 1990. Nesse sentido, ele destaca a característica do tenista florianopolitano Gustavo Kuerten – o Guga – por ser alguém que não esconde as origens e o sotaque e que, por isso, é “típico”. Dessa forma, podemos inferir que o informante quis dizer que o Guga é um típico manezinho porque fala igual aos seus conterrâneos, o que comprova o papel da língua na construção da identidade do indivíduo.

Para corroborar essa opinião, temos o seguinte depoimento de outra informante:

(2) Eu sou daqui, nasci aqui, morei minha vida toda aqui, mas não falo como o pessoal daqui. Ninguém diz que eu sou manezinha, todo mundo acha que eu sou de fora [...] Eu acho o você mais certo, sabe? (TESTE02KATIA. Mulher + velha)

Vale informar que esse depoimento foi dado no local de trabalho da informante, uma loja de roupas masculinas no centro de Florianópolis, enquanto ela e as demais colegas preenchiam os testes. Esta informante, ao contrário das demais, se distanciou do grupo para preencher os testes e fez o depoimento aos sussurros para que as colegas não a escutassem.

Essa situação nos permite inferir que ela não se identifica com os demais conterrâneos e que, além disso, não aprova o falar da sua comunidade. Nessa mesma ocasião, uma de suas colegas de trabalho fala abertamente para todos os presentes ouvirem:

(3) Eu só uso tu mesmo, sou bem manezinha, uso tu pra todo mundo. (TESTE-03PAT. Mulher + velha).

Essa fala deixa saliente um certo grau de consciência linguística por parte da informante e, ao mesmo tempo, uma identificação positiva com o estereótipo do manezinho.

A segunda variável selecionada pelo programa estatístico Goldvarb (2001) como favorecedora do uso de *tu* em nossa amostra foi a *faixa etária*⁹⁰ do informante. Minha hipótese inicial era de que a frequência de *tu* fosse mais acentuada na fala

⁹⁰ Devo esclarecer que controlei apenas duas faixas etárias nesta pesquisa que nomeei de *mais jovens* e *mais velhos*. Por *mais jovens*, entende-se indivíduos de 15 a 33 anos; por *mais velhos*, entende-se indivíduos de 39 a 74 anos.

dos *mais jovens*. Os resultados atribuídos a cada fator podem ser visualizados na Tabela 8.3 a seguir:

Tabela 8.3 – Uso de *tu* em relação à *faixa etária do informante*

Faixa etária	Apl./Total = %	Peso relativo
+ jovens	200/207 = 96%	0,88
+ velhos	240/332 = 72%	0,22
TOTAL	440/539 = 81%	

Fonte: Rocha, 2012, p. 240.

Como vemos, os *mais jovens* lideram o uso do pronome *tu* com 96% de frequência de uso e 0,88 de peso relativo. Já os *mais velhos* apresentam uma frequência de uso menor (72%), desfavorecendo o uso de *tu*, com peso relativo de 0,22.

Já na amostra dos testes, a variável *faixa etária* foi a quarta selecionada. Os resultados atribuídos a cada fator podem ser visualizados na Tabela 8.4 a seguir:

Tabela 8.4 – Uso de *tu* em relação à *faixa etária do informante*

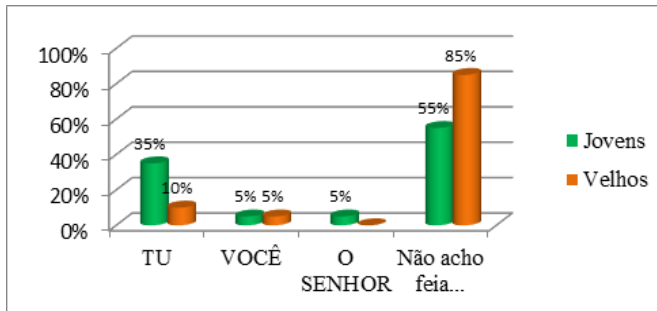
Faixa etária	Apl./Total = %	Peso relativo
+ jovens	64/143 = 44%	0,41
+ velhos	81/164 = 49%	0,58
TOTAL	145/307 = 47%	

Fonte: Rocha, 2012, p. 296.

É possível verificar que os *mais velhos* lideram o uso do pronome *tu* com 55,86% de frequência de uso e 0,58 de peso relativo. Já os *mais jovens* apresentam uma frequência de uso menor (44,13%), desfavorecendo o uso de *tu*, com peso relativo de 0,41. Esses resultados vão de encontro àqueles encontrados a partir da amostra de entrevistas, nas quais tínhamos os *mais jovens* liderando o uso do pronome *tu*, com 96% de frequência de uso e 0,88 de peso relativo, e os *mais velhos* apresentando uma frequência de uso menor (72%), desfavorecendo o uso de *tu*, com peso relativo de 0,22.

Como estamos tratando aqui de testes de produção, talvez esse resultado esteja sendo influenciado pelo julgamento que os *mais jovens* fazem da forma *tu*, pois, a partir desses testes, foi possível verificar também a avaliação dos sujeitos acerca das formas de tratamento com o interlocutor. No gráfico da Figura 8.3 a seguir, podemos visualizar as respostas dos testes referentes à forma avaliada como *feia ou ruim* considerando a *idade do informante*:

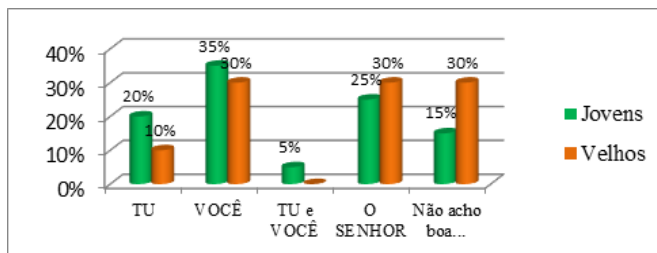
Figura 8.3 – Distribuição das respostas dos testes de Florianópolis referente à forma avaliada como *feia ou ruim* considerando a *idade do informante*



Fonte: Rocha, 2012, p.297.

De acordo com os resultados expressos no gráfico anterior, 35% dos mais jovens consideram a forma *tu* feia ou ruim, enquanto apenas 10% dos mais velhos tiveram a mesma opinião. Sendo assim, o fato de os mais jovens avaliarem negativamente o uso do *tu* pode ter influenciado na escolha feita por eles nos testes de produção. Para testar essa hipótese, vejamos a seguir o julgamento dos informantes referente à forma que eles acham *boa* ou *mais bonita*:

Figura 8.4 – Distribuição das respostas dos testes de Florianópolis referente à forma avaliada como *boa ou mais bonita* considerando a *idade do informante*



Fonte: Rocha, 2012, p. 298.

Como vemos, a maioria dos mais jovens (35%) acha a forma *você* boa ou mais bonita, enquanto apenas 20% têm a mesma opinião sobre a forma *tu*. Sendo assim, podemos supor que essa avaliação positiva do *você* tenha contribuído para que os mais jovens reproduzissem mais essa forma nos testes de produção.

A seguir podemos verificar a distribuição em percentual das três formas pronominais conforme a faixa etária do informante:

Tabela 8.5 – Uso de *tu*, *você* e *o senhor* em relação à faixa etária do informante

Faixa etária do informante	<i>Tu</i>	<i>Você</i>	<i>O senhor</i>
+ jovens	64/143 = 44%	57/143 = 39%	22/143= 15%
+ velhos	81/164 = 49%	43/164 = 26%	40/164= 24%
TOTAL	145/307=47%	100/307=32%	62/307=20%

Fonte: Rocha, 2012, p.298.

Como vemos na Tabela 8.5 acima, os mais jovens apresentam maior frequência no uso de *você* (57 dados = 57%), enquanto os mais velhos lideram a produção de *tu* e de *o senhor* com 81 dados = 55,86% de *tu* e 40 dados = 64,51% de *o senhor*.

Esses resultados sugerem que os falantes mais velhos são mais formais que os mais jovens. Dessa forma, o uso do *você* estaria associado a maior formalidade enquanto o uso de *tu* estaria associado a uma menor formalidade ou a uma maior intimidade. Em adição, esses resultados não apontam indícios de mudança em progresso em direção ao uso de *você* em substituição ao *tu*.

Essa atribuição de mais formalidade ao pronome *você* é ratificada pelo seguinte depoimento de um dos informantes:

(4) Sempre foi assim, como o meu tio ali, quando o meu tio se referia alguém como **você**, era assim, algo maior do que senhor, **você** aqui era pronome de tratamento o mais longínquo possível. (STOANT. Homem + velho)

Por outro lado, os valores de menos intimidade e de menos respeito atribuídos ao *tu* são reforçados por alguns depoimentos retirados da fala dos nossos informantes, que relatam o seguinte:

(5) Agora não, agora é um abuso. Não se respeita mais velho, uma pessoa mais velha. [Os pais]- os filhos não respeitam mais os pais, né? [Isso]- esse negócio de chamar o pai de “tu” pra lá, “tu” pra cá. [Na minha]- na minha época, não. [As minhas]- as minhas tias davam a bênção. Às minhas primas mais velhas, eu dava a bênção. Dava a bênção pras primas mais velhas. Respeitava s primas mais velhas como se fossem uma tia. Era assim. [...] Eu chamava ela de senhora. Ela é a prima mais velha. “Não quero ir com a senhora, não. (FLP08. Mulher + velha).

Como vimos, a fala transcrita acima atesta o valor não respeitoso que o *tu* adquire quando é utilizado para se dirigir às pessoas mais velhas. Considerando os nossos resultados, podemos deduzir que os indivíduos mais velhos têm essa percepção mais aguçada, ou seja, guardam mais esse respeito no tratamento com o outro.

A *diazonalidade*⁹¹ do informante foi o terceiro grupo de fatores selecionado pelo programa estatístico. Como região *mais urbana*, considerei as localidades de Ingleses e Centro, e como região *menos urbana*, considerei as localidades de Costa da Lagoa, Ribeirão da Ilha, Rationes e Santo Antônio de Lisboa. Minha hipótese inicial era que a região *menos urbana* conservasse mais o uso do *tu* do que a região *mais urbana*.

Na Tabela 8.6 a seguir, podemos visualizar a distribuição da forma *tu* conforme a *diazonalidade* com seus pesos relativos:

Tabela 8.6 – Uso de *tu* em relação à *diazonalidade*

Região	Apl./Total = %	Peso relativo
- urbana	215/236 = 91%	0,76
+ urbana	225/303 = 74%	0,28
TOTAL	440/539 = 81%	

Fonte: Rocha, 2012, p. 255.

Conforme o esperado, a região *menos urbana* se mostrou favorecedora do uso de *tu*, com 91% de frequência e 0,76 de peso relativo. Já a região *mais urbana* mostrou-se desfavorecedora da aplicação do *tu*, com 74% de frequência e 0,28 de peso relativo.

Uma possível explicação para esses resultados pode ser o menor contato dos informantes das regiões *menos urbanas* com os falantes de outras cidades e, conseqüentemente, de outras variedades que têm o *você* como único pronome de segunda pessoa. Nesse sentido, os informantes das regiões *mais urbanas* têm um contato maior com essas outras variedades porque convivem mais intensamente com indivíduos advindos de outros lugares, no comércio, na universidade, na escola, no trabalho etc. Sendo assim, esses informantes seriam mais facilmente influenciados pela fala de seus colegas, sejam eles de trabalho, de escola/faculdade ou de igreja.

Como sabemos, Florianópolis é uma grande receptora de turistas de todo o país e também do exterior – considerados como população flutuante. Além disso, desde 1960, a Ilha tem recebido um grande número de migrantes, principalmente gaúchos e paulistas, que buscam na cidade oportunidades de estudo e de trabalho.

⁹¹ Nesta pesquisa foram controladas, inicialmente, duas variáveis geográficas: a *diatopia* e a *diazonalidade*. Na *diatopia* controlamos a *localidade do informante*, ou seja, o bairro onde ele vive; na *diazonalidade* controlamos a *zona/região* onde ele vive. A essas diferentes *zonas*, demos o nome de *região mais urbana* e *menos urbana*. Entre essas duas variáveis geográficas controladas, somente a *diazonalidade* foi selecionada pelo programa Goldvarb (2001).

Tudo isso transformou a rotina desse lugar e o perfil dos seus moradores. Entretanto, podemos observar em nossos resultados que ainda há um movimento de conservação da identidade linguística local, pelo menos no que se refere à permanência do uso majoritário de *tu* como pronome de segunda pessoa, pois o *você* ainda não é usado pela maioria dos ilhéus das zonas menos urbanas.

O tipo de relação entre os interlocutores⁹² foi a quarta variável selecionada pelo programa Goldvarb (2001) como estatisticamente relevante para a aplicação do *tu*. Minha hipótese era de que, ao se dirigir ao inferior e aos iguais, a forma mais utilizada fosse o *tu*, enquanto ao se dirigir ao superior ou ao entrevistador a forma mais utilizada fosse o *você* ou o *senhor*. Vejamos a seguir os resultados:

Tabela 8.7 – Uso de *tu* em relação ao tipo de relação entre os interlocutores

Tipo de relação entre os interlocutores	Apl./Total = %	Peso relativo
Entrevistador x Entrevistado	95/124 = 76%	0,23
Relações simétricas e assimétricas descendentes	76/79 = 96%	0,87
Relações assimétricas ascendentes	13/16 = 81%	0,39
TOTAL	184/219 = 84%	

Fonte: Rocha, 2012, p. 250.

Como podemos observar na Tabela 8.7 acima, as frequências de uso de *tu* são semelhantes entre os três tipos de relação, mas os pesos relativos são bastante distintos. Vejamos que a maior favorecedora do uso de *tu* é a *relação simétrica e assimétrica descendente*, com 96% de frequência e 0,87 de peso relativo. A *relação assimétrica ascendente*, embora com um percentual alto de ocorrência (81%), aparece como desfavorecedora do uso de *tu* com 0,39 de peso relativo. A relação entre *entrevistador e entrevistado* é a menos favorecedora do uso de *tu*, apresentando 76% de frequência e 0,23 de peso relativo.

Como vimos, a relação *entrevistador e entrevistado* foi menos favorável ao uso de *tu* do que a *relação assimétrica + ascendente*. Sendo assim, podemos supor que esse tipo de relação é também *assimétrica ascendente*, pois, geralmente, o entrevistador e o entrevistado são pessoas que não têm uma relação íntima e não se conheciam antes da entrevista. Somando-se a isso, temos o agravante de

⁹² Os tipos de relações controladas inicialmente foram: 1) relação simétrica; 2) relação assimétrica descendente; 3) relação assimétrica ascendente; 4) relação entrevistador; e entrevistado e 5) relação de discurso para si mesmo. O *discurso genérico* não era considerado nesse grupo de fatores. Posteriormente, devido à ocorrência de nocautes nas rodadas estatísticas, amalgamamos os fatores 1, 2 e 6 em relações simétricas e assimétricas descendentes. Dessa forma, seguimos as análises com três tipos de relação: 1) entrevistador x entrevistado; 2) relações simétricas e assimétricas descendentes e 3) relações assimétricas ascendentes.

o entrevistador ser alguém da Universidade (geralmente um aluno ou professor), que se identifica como tal e informa que está fazendo uma “pesquisa para a faculdade”. Ademais, essa pessoa chega até o lugar da entrevista com um gravador e com alguns papéis na mão (roteiro de perguntas), ou seja, todos esses fatores contribuem para que haja um certo distanciamento entre essas duas pessoas e para um sentimento de possível inferioridade por parte do entrevistado. Isto é, tudo isso contribui para que o informante se dirija ao entrevistador/pesquisador com mais formalidade e/ou com mais respeito.

A partir da amostra dos testes, o *tipo de relação entre os interlocutores* foi considerado pelo programa estatístico como a variável mais relevante para a aplicação do *tu*.

Diferentemente do que fiz com os dados da amostra de entrevistas, controlei aqui três tipos de relação entre os interlocutores: (i) relação simétrica; (ii) relação assimétrica descendente; e (iii) relação assimétrica ascendente. Vejamos os resultados das rodadas estatísticas na Tabela 8.8 a seguir:

Tabela 8.8 – Uso de *tu* em relação ao *tipo de relação entre os interlocutores*

Tipo de relação entre os interlocutores	Apl./Total = %	Peso relativo
Relação simétrica	86/122 = 70%	0,63
Relação assimétricas ascendentes	32/139 = 23%	0,25
Relação assimétrica descendente	27/46 = 58%	0,63
TOTAL	145/307 = 47%	

Fonte: Rocha, 2012, p. 300.

Como podemos verificar, a relação simétrica e a relação assimétrica descendente são as que mais favorecem o uso de *tu*, apresentando 0,63 de peso relativo nas duas relações, embora as frequências tenham sido um pouco diferentes, pois temos 70% de frequência nas relações simétricas e 58% nas relações assimétricas descendentes.

As relações assimétricas ascendentes apresentam-se como sendo as mais desfavorecedoras do uso de *tu*, com 0,25 de peso relativo. Mais uma vez, esses resultados corroboram os encontrados a partir das entrevistas sociolinguísticas discutidas anteriormente.

Ao observarmos a distribuição das formas *tu*, *ocê* e *o senhor*, nos três tipos de relação, temos o seguinte resultado:

Tabela 8.9 – Uso de *tu*, *você* e *o senhor* em relação ao tipo de relação entre os interlocutores

Tipo de relação	<i>Tu</i>	<i>Você</i>	<i>O senhor</i>
Simétrica	86/122=70%	36/122=29%	0
Ass. ascendente	32/139=23%	51/139=36%	56/139=40%
Ass. descendente	27/46 =58%	13/46=28%	6/46=13%
TOTAL	145/307=47%	100/307=32%	62/307=20%

Fonte: Rocha, 2012, p. 301.

Como vemos na Tabela 8.9, o pronome *tu* é o preferido pelos informantes para estabelecer diálogo em relações de simetria entre os interlocutores, alcançando 70% de frequência. O pronome *você* é o segundo mais utilizado para esse tipo de relação, alcançando 29% de frequência. Entretanto, o pronome *o senhor* não é usado para a relação entre iguais, porém ele é o preferido para as relações assimétricas ascendentes (se inferior para superior), alcançando 40% de frequência, seguido pelo *você*, com 36% de frequência, e pelo *tu*, com apenas 23%.

Para a relação assimétrica descendente (de superior para inferior), o *tu* também é o preferido pela maioria dos informantes, alcançando 58% de frequência, seguido pelo *você*, com 28%, e pelo *o senhor*, com apenas 13%.

Esses resultados vão ao encontro da semântica do poder e da solidariedade de Brown e Gilman (1960), a partir da qual o poder é *não recíproco*, pois, em um relacionamento entre pelo menos duas pessoas, estas não podem ter poder na mesma área de comportamento. Dessa forma, o superior diz *T* e recebe *V*. Em nossos dados, o *V* equivale tanto à forma *você* quanto à forma *o senhor*. Já a solidariedade é simétrica e recíproca, ou seja, o indivíduo diz *T* ao amigo e recebe *T*. Em nossos dados, o *T* equivale tanto à forma *tu* quanto à forma *você*.

Diante dessas questões, podemos sugerir que o *você*, em nossa amostra, funciona como um coringa no tratamento, pois pode servir tanto para relações simétricas quanto para relações assimétricas descendentes e ascendentes.

A quinta variável selecionada pelo programa estatístico foi a *escolaridade do informante*⁹³. Minha hipótese para essa variável era que os *mais escolarizados* usariam mais *tu* que os *menos escolarizados*. Vejamos a seguir os resultados alcançados:

⁹³ Controlamos, nesta pesquisa, apenas dois níveis de escolaridade do informante, que chamamos de *mais escolarizados* e *menos escolarizados*. Como *mais escolarizados*, entende-se indivíduos com Ensino Superior completo ou incompleto. Como *menos escolarizados*, entende-se indivíduos com Ensino Fundamental completo ou incompleto.

Tabela 8.10 – Uso de *tu* em relação à escolaridade do informante

Escolaridade	Apl./Total = %	Peso relativo
+ escolarizado	232/240 = 96%	0,71
- escolarizado	208/299 = 69%	0,32
TOTAL	440/539 = 81%	

Fonte: adaptado de Rocha, 2012, p. 247.

Como vimos, os mais escolarizados tendem a usar mais a forma *tu*, apresentando 96% de frequência e 0,71 de peso relativo, enquanto os menos escolarizados tendem a usar menos a forma *tu*, apresentando 69% de frequência e 0,32 de peso relativo.

Esses resultados indicam que a educação exerce influência na fala dos entrevistados, uma vez que a escola ensina o pronome *tu* como o único pronome de segunda pessoa do singular. Sendo assim, quanto maior a escolaridade⁹⁴, maior é o uso de *tu*, conforme já constatado por Loregian-Penkall (2004).

O *paralelismo sujeito e clítico* foi a sexta variável selecionada pelo programa estatístico Goldvarb (2001) como favorecedora do uso de *tu* na amostra utilizada nesta pesquisa. O paralelismo formal consiste na tendência de “marcas levarem a marcas e zeros levarem a zeros” (POPLAK, 1980; NARO, 1981 apud SCHERRE e NARO, 1993, p.3). Baseada nessa tendência, minha hipótese inicial era a de que os informantes que utilizaram a forma *tu* utilizassem também o possessivo *teu/tua* e os oblíquos *te, ti, contigo, de ti, pra ti* etc. Sendo assim, no caso da variável *paralelismo sujeito e clítico*, esperava que, quando o informante usasse a forma *tu*, ele também usaria o clítico *te*.

Tabela 8.11 – Uso de *tu* em relação ao *paralelismo sujeito e clítico*

Paralelismo entre sujeito e clítico	Apl./Total = %	Peso relativo
Formas paralelas	33/36 = 91%	0,66
Formas não paralelas	2/9 = 22%	0,05
TOTAL	35/45 = 77%	

Fonte: adaptado de Rocha, 2012, p.226.

Como podemos visualizar na Tabela 8.11, a hipótese foi atestada, pois as formas paralelas favorecem a ocorrência de *tu*, apresentando peso relativo de 0,66. Por outro lado, as formas não paralelas desfavorecem o uso de *tu*, com peso relativo de 0,05.

⁹⁴ O fator escolaridade não foi selecionado pelo programa estatístico nas rodadas realizadas a partir da amostra dos testes.

A partir da amostra dos testes, essa variável foi ainda mais relevante, pois foi a segunda a ser selecionada pelo programa estatístico Goldvarb (2001). Vejamos os resultados das rodadas da Tabela 8.12a seguir:

Tabela 8.12 – Uso de *tu* em relação ao paralelismo sujeito e clítico

Paralelismo	Apl./Total = %	Peso relativo
Formas paralelas	41/63 = 65%	0,61
Formas não paralelas	1/14 = 7%	0,02
TOTAL	42/77 = 54%	

Fonte: adaptado de ROCHA, 2012, p.288.

Mais uma vez, vemos que as formas paralelas favorecem a ocorrência de *tu*, apresentando peso relativo de 0,61, enquanto as formas não paralelas desfavorecem o seu uso com peso relativo de 0,02. Esses resultados vão ao encontro daqueles encontrados a partir da amostra de entrevistas, demonstrando que tanto a fala real (dados empíricos) quanto a percepção dos informantes (testes de produção) vai na mesma direção, o que corrobora a tendência de “marcas levarem a marcas e zeros levarem a zeros” (POPLAK, 1980; NARO, 1981 *apud* SCHERRE; NARO, 1993, p.3).

Ao olharmos separadamente para a frequência dos clíticos em cada uma das formas estudadas – *tu*, *você* e *o senhor* –, temos o seguinte resultado.

Tabela 8.13 – Distribuição dos clíticos nas formas *tu*, *você* e *o senhor*

Paralelismo	<i>Tu</i>	<i>Você</i>	<i>O senhor</i>
Formas paralelas	41/63 = 65%	10/63 = 15%	12/63 = 19%
Formas não paralelas	1/14 = 7%	6/14 = 42%	7/14 = 50%
TOTAL	42/77 = 54%	16/77 = 20%	19/77 = 24%

Fonte: adaptado de Rocha, 2012, p.288.

Como vimos, temos 42 ocorrências de *tu* combinados com clíticos e, desse total, 41 se combinam com formas paralelas – 65% do total de ocorrências, o que equivale a 97% do total das ocorrências com *tu* – e apenas uma ocorrência com forma não paralela – 7% do total de ocorrências, o que equivale a 2,38% do total de ocorrências com *tu*.

A forma *você* segue praticamente na mesma direção, mas não com a mesma proporção, pois temos 10 ocorrências com formas paralelas – 15% do total de ocorrências, o que equivale a 62,5% do total de ocorrências com *você* – e 6

ocorrências com formas clíticas não paralelas – 42% do total de ocorrências, o que equivale a 37,5% do total de ocorrências com *tu*.

A forma *o senhor* segue a mesma direção, mas também com proporções diferentes, pois temos 12 ocorrências desse pronome com formas clíticas paralelas – 19% do total de ocorrências paralelas, o que equivale a 63,15% do total das ocorrências com *o senhor* – e 7 ocorrências com formas clíticas não paralelas – 50% das ocorrências, o que equivale a 36,84% do total de ocorrências com *senhor/a*.

Como vemos, a relação entre *tu* e *te* está bastante definida, alcançando 97% das ocorrências, isto é, falantes exclusivos de *tu* na posição de sujeito usam 97% de *te*. Já a relação entre *você* e *lhe* e *o senhor* e *lhe* não segue na mesma direção, atingindo 37,5% e 36,84% de “mistura” com *te*, respectivamente. Dito de outra forma, os falantes que utilizam a forma *você* para se dirigir ao interlocutor e os que usam a forma *senhor* não necessariamente farão isso combinando com a forma *lhe*, ou seja, utilizarão a forma *te* na maioria das vezes.

A partir desses resultados, não podemos afirmar, como fez Perini (2010), que o oblíquo *te* seja o correspondente absoluto da forma reta *você*, deixando a forma oblíqua *lhe* em segundo plano, para uso restrito; ou seja, nossos informantes, em sua maioria, afirmam que fazem essa correspondência entre *você* e *lhe* e também entre *o senhor* e *lhe*.

Entretanto, devemos observar que esses resultados diferem um pouco daqueles encontrados a partir da amostra de entrevistas, principalmente no que se refere às ocorrências de clíticos com a forma *você*, pois naqueles dados encontramos menos ocorrências de formas paralelas (30%) e mais ocorrências de formas não paralelas (70%). Sendo assim, devemos ponderar que as entrevistas reproduzem a fala real dos indivíduos enquanto os testes reproduzem a forma como os indivíduos acham que falam.

A relação *sujeito e possessivo* foi a sétima e última variável selecionada pelo programa estatístico como favorecedora do uso de *tu* na amostra utilizada. Considerei paralelismo formal entre sujeito e possessivo as construções em que o informante usa *tu + teu/tua*, *você + seu/sua* e *o senhor + seu/sua* e não paralelismo as construções em que o informante usa *tu + seu/sua*, *você + teu/tua* e *o senhor + teu/tua*. Assim como na variável anterior, minha hipótese era a de que os informantes que utilizam a forma *tu* utilizariam também o possessivo *teu/tua*, obedecendo mais uma vez à tendência de “marcas levarem a marcas e zeros levarem a zeros” (POPLAK, 1980; NARO, 1981 apud SCHERRE; NARO, 1993, p.3).

Como podemos visualizar na Tabela 8.14 a seguir, essa hipótese também se confirmou, pois, as formas paralelas favorecem a ocorrência de *tu*, apresentando peso relativo de 0,57. Por outro lado, as formas não paralelas desfavorecem o uso de *tu*, com peso relativo de 0,07.

Tabela 8.14 – Uso de *tu* em relação ao *paralelismo sujeito e possessivo*

Paralelismo	Apl./Total = %	Peso relativo
Formas paralelas	35/41 = 85%	0,57
Formas não paralelas	3/5 = 60%	0,07
TOTAL	38/46 = 82%	

Fonte: adaptado de Rocha, 2012, p. 231.

Já a partir dos testes, o *paralelismo sujeito e possessivo* foi a quinta variável selecionada pelo programa estatístico Goldvarb (2001) como relevante. Assim como na variável anterior (*paralelismo sujeito e clítico*), nossa hipótese era a de que os informantes que utilizam a forma *tu* utilizariam também o possessivo *teu/tua*. Vejamos os resultados das rodadas da Tabela 8.15 a seguir:

Tabela 8.15 – Uso de *tu* em relação ao *paralelismo sujeito e possessivo*

Paralelismo	Apl./Total = %	Peso relativo
Formas paralelas	51/103 = 49%	0,54
Formas não paralelas	6/17 = 35%	0,26
TOTAL	57/120 = 47%	

Fonte: adaptado de Rocha, 2012, p.292.

Como podemos visualizar nos resultados expostos na Tabela 8.15, a hipótese de marcas levarem a marcas e zeros levarem a zeros mais uma vez se confirmou, pois, as formas paralelas favorecem a ocorrência de *tu*, apresentando peso relativo de 0,54, enquanto as formas não paralelas desfavorecem o uso de *tu*, com peso relativo de 0,26.

Observando somente o número de ocorrências de *tu* com *teu/tua* e com *seu/sua*, verificamos um total de 57 dados, ou seja, 47% do total de dados encontrados. Entretanto, se olharmos somente para os resultados da correlação de *tu* com *teu/tua*, vemos um grande número de dados (51), o que equivale a 89% das ocorrências com *tu*. Ao olharmos somente para os dados de *tu* com *seu/sua*, vemos um número bastante reduzido de ocorrências (6), o que equivale a 10,5% dos dados com *tu*.

Verificando somente os percentuais de ocorrências com as formas *tu, você e o senhor*, chegamos aos seguintes resultados:

Tabela 8.16 – Distribuição dos possessivos nas formas *tu*, *ocê* e *o senhor*

Paralelismo	<i>Tu</i>	<i>Você</i>	<i>O senhor</i>
Formas paralelas	51/103 =49%	28/103 = 27%	24/103=23%
Formas não paralelas	6/17 = 35%	9/17 = 52%	2/17=11%
TOTAL	57/120 =47%	37/120 = 30%	26/120=21%

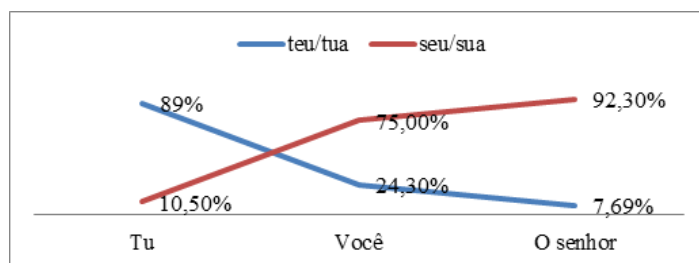
Fonte: adaptado de Rocha, 2012, p.293.

Como vemos, do total de ocorrências de pronomes sujeitos com pronomes possessivos, temos 47% dos dados com *tu*, 30% com *ocê* e 21% com *o senhor*.

Observando o número de ocorrências de *ocê* com *teu/tua* e com *seu/sua*, verificamos um total de 37 dados, ou seja, 30% do total de dados encontrados. Entretanto, se olharmos somente para o *ocê* com suas formas paralelas *seu/sua*, vemos um grande número de dados (28), o que equivale a 75% das ocorrências com *ocê*. Ao observarmos somente os dados de *ocê* com suas formas não paralelas *teu/tua*, vemos um número bastante reduzido de ocorrências (9), o que equivale a 24,3% dos dados com *ocê*.

Ao verificar as ocorrências de possessivos com *o senhor*, vemos que os resultados vão na mesma direção dos demais pronomes, pois temos 24 dados de *o senhor* com suas formas paralelas *seu/sua*, o que equivale a 92,3% das ocorrências, e temos apenas dois dados de *o senhor* com formas não paralelas *teu/tua*, o que equivale a 7,69% dos dados. Esses resultados podem ser visualizados de outra forma no gráfico da Figura 8.5 a seguir:

Figura 8.5 – Distribuição da correlação entre as formas *tu*, *ocê* e *o senhor* e os possessivos *teu/tua/seu/sua*



Fonte: adaptado de Rocha, 2012, p. 294.

Como vemos, o paralelismo entre *tu* e *teu/tua* está bastante definido, alcançando 89% das ocorrências, assim como o paralelismo entre *o senhor* e *seu/sua*, que alcançou 92,3%. Enquanto isso, o paralelismo entre *ocê* e *seu/sua* é um pouco

menor, 75%. Entretanto, todos os resultados vão na mesma direção, ou seja, quando o falante escolhe um pronome, ele tende a usar um pronome possessivo paralelo.

É importante ressaltar mais uma vez que esses resultados vão ao encontro daqueles observados a partir da amostra de entrevistas e também dos encontrados por Arduin (2005), confirmando, novamente, o efeito do *paralelismo*.

4. A QUE PONTO CHEGAMOS

Busquei, neste capítulo, apresentar os principais resultados encontrados a partir de uma pesquisa de doutorado na qual me dediquei a investigar e mapear o fenômeno da variação pronominal de segunda pessoa do singular, *tu/você/o senhor*, na função de sujeito e sua correlação com as formas pronominais que aparecem na função de complementos verbais e de adjuntos (obliquos e possessivos) a partir de dados sincrônicos do português brasileiro, especialmente da variedade usada na cidade de Florianópolis – Santa Catarina, a fim de compreender a natureza e a extensão do encaixamento desses pronomes no sistema linguístico dessa comunidade (ROCHA, 2012).

Os resultados aqui expostos confirmam as minhas hipóteses, mostrando que os ilhéus preferem, de uma forma geral, o uso de *tu* para o tratamento com o seu interlocutor.

Considerando as demais perguntas e hipóteses de pesquisa, posso concluir também que:

- i. Os grupos de fatores linguísticos, sociais, sociodiscursivos e geográficos que condicionam a variação no uso dos pronomes de segunda pessoa do discurso no português falado em Florianópolis são, para as duas amostras utilizadas: a) sexo; b) faixa etária; c) tipo de relação entre os interlocutores; d) paralelismo sujeito e clítico; e e) paralelismo sujeito e possessivo. Para a amostra de entrevistas, os fatores *diazonalidade* e *escolaridade* também se mostraram relevantes.
- ii. Em Florianópolis, as mulheres usam mais *tu* que os homens, os homens usam mais *você* que as mulheres e a forma *o senhor* está distribuída equilibradamente entre os dois sexos.
- iii. Os mais jovens usam mais a forma *tu* do que os mais velhos, os mais velhos usam mais a forma *você* que os mais jovens e a forma *o senhor* é distribuída equilibradamente entre as duas faixas etárias com um percentual de ocorrências levemente maior entre os mais velhos.

- iv. O tipo de relação entre os interlocutores é relevante para a escolha dos pronomes de segunda pessoa, pois, para dirigir-se ao inferior, a forma mais utilizada pelo superior é *tu*, o que indica *poder*, enquanto na relação entre iguais, a forma mais utilizada é a solidária *tu*. No caso de inferiores se dirigindo aos superiores, a forma mais utilizada é *o senhor*, seguida de *você*, o que indica *respeito e formalidade*.
- v. Os falantes de Florianópolis usam mais o paralelismo (*sujeito e possessivo* e entre *sujeito e clítico*) entre as formas, independentemente do pronome utilizado.
- vi. Os mais escolarizados usam mais a forma *tu* do que os menos escolarizados, e estes usam mais as formas *você* e *o senhor* do que os mais escolarizados.
- vii. Os indivíduos das zonas menos urbanas usam mais a forma *tu* do que os indivíduos das zonas mais urbanas, e estes usam com mais frequência a forma *você* do que os indivíduos das zonas menos urbanas; a forma *o senhor* é usada igualmente nas duas zonas.
- viii. O pronome de segunda pessoa que os florianopolitanos garantem usar em situações de simetria (amigos, por exemplo) é majoritariamente o *tu*, seguido por um baixo percentual de *você* e de uso alternado das duas formas (*tu* e *você*). Nas relações de assimetria com os pais, os ilhéus se dividem entre os que preferem o uso exclusivo de *tu* (35%) e os que usam somente *o senhor* (31%), além daqueles que usam a forma *você* (18%). Nas relações de assimetria com alguém superior (chefe ou professor, por exemplo), a grande maioria dos ilhéus prefere o uso da forma *o senhor* e uma pequena parte deles divide a opinião entre o uso de *você* e o uso de *tu*, confirmando o caráter mais respeitoso e mais distante do *você* e de maior proximidade e intimidade do *tu* (ARDUIN, 2005), além do caráter mais polido, mais cortês e mais respeitoso de *o senhor* (CUNHA e CINTRA, 1985).
- ix. Os florianopolitanos também tendem a usar o *tu* com as formas *te*, *teu/tua* e *contigo* e as formas *você* e *o senhor* combinadas com as formas *lhe*, *seu/sua*, *com você* e *com o(a) senhor(a)*, atestando o princípio do paralelismo formal em marcas levam a marcas e zeros levam a zeros (POPLAK, 1980).

Ademais, posso afirmar que praticamente todos os resultados dos testes de percepção e produção corroboram os resultados da amostra de entrevistas, exceto quando se trata da *faixa etária*, que demonstrou resultados inversos, e da *escolaridade*, que não foi selecionada nas rodadas realizadas a partir dos testes.

Por fim, devo dizer que ainda percebo muitas outras questões envolvidas na escolha/uso do pronome de segunda pessoa não só em Florianópolis, mas em outros lugares do país, e, portanto, a pesquisa não se encerra por aqui. Como vimos, as formas de tratamento em uma comunidade refletem os seus valores e atendem aos interesses de seus indivíduos, pois são instrumentos importantes para a diferenciação dos relacionamentos e dos contextos sociais em que esses relacionamentos acontecem. Sendo assim, as formas linguísticas acompanham as mudanças nas relações sociais que acontecem ao longo do tempo e atendem às necessidades de um determinado espaço cultural. Dito isso, acredito que meu avô (nono) não exigiria o mesmo tratamento se ainda estivesse do lado de cá e, mesmo que o fizesse, certamente minha reação não seria de estranhamento, mas de entendimento.

REFERÊNCIAS

- ARDUIN, J. *A variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular teu/seu na região sul do Brasil*. 2005. 124f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005.
- BELLMANN, G. Variação e devariação. *Cadernos de Tradução do Instituto de Letras da UFRGS*. Porto Alegre, n. 4, p. 7-20, 1999.
- BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of Power and Solidarity. In: Sebeok, Thomas (ed.): *Style in Language*. Cambridge: MIT Press, p. 247-250, 1960.
- BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (Ed.). *Sociolinguistics: The essential readings*. United Kingdom: Blackwell, p. 156-176, 2003 [1960].
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- LABOV, W. *The social stratification of English in New York*. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.
- LABOV, W. Field Methods of the Project on Linguistic Change and Variation. *Sociolinguistic Working Paper Number 81*, Pennsylvania (Philadelphia): 1981.
- LABOV, W. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (Ed.). *Perspectives on Historical Linguistics*, Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p. 17-92, 1982.

LOREGIAN-PENKAL, L. *Re(análise) da referência de segunda pessoa na fala da Região sul*. 2004. 260f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2004.

NUNES de SOUZA, C.. *Poder e solidariedade no teatro florianopolitano dos séculos XIX e XX: uma análise sociolinguística das formas de tratamento*. 2011. 280f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011.

PAGOTTO, E. G. *Variação e Identidade*. 2001. 454f. (Tese de Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 2001.

PERINI, M. A. *Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

POPLAK, S. The notion of the plural in Puerto Rico spanish: competing constraints on /s/ deletion. In: LABOV, W. (Ed.). *Locating language in time and space*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. p. 55-67, 1980.

RADTKE, E.; THUN, H. Nuevos caminos de la geolinguística románica. Un balance. In: RADTKE, E.; THUN, H. (orgs.). *Neue Wege der Romanischen Geolinguistik*. Akten des Symposiums Empirischen Dialektologie (Heidelberg/Mainz, 21-24.10.1991), Kiel: Westensee-Verlag, p. 25-49, 1996.

RAMOS, M. P. B. *Formas de tratamento no falar de Florianópolis*. 1989. 106 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1989.

ROCHA, P. G. da. *O sistema de tratamento do português de Florianópolis: um estudo sincrônico*. 2012. 336f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2012.

SCHERRE, M. M. P.; YACOVENCO, L. C. A variação linguística e o papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco. *Revista da ABRALIN*, v. Eletrônico, n. Especial, p. 121-146. 1ª parte, 2011.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Duas dimensões do paralelismo formal na concordância verbal no português popular do Brasil. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 01-14, 1993.

TARALLO, F. *Tempos linguísticos*. São Paulo: Ática, 1990.

THUN, H. La geolinguística como linguística variacional general (con ejemplos del Atlas Lingüístico *Diatópico y Diastrático del Uruguay*). INTERNATIONAL CONGRESS OF ROMANCE LINGUISTICS AND PHILOLOGY (21.:1995:

Palermo). *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*. Org. Giovanni Ruffino. Tübingen: Niemeyer. p. 701-729, 1998.

THUN, H. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. *In*: Winfred P. Lehmann & Yakov Malkiel (eds.). *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas. p.95-188, 1968.

